

Com editoração da Escuta, que se faz notar a partir do cuidado da escolha da ilustração da capa, um recorte de Heinrich-Anton Müller: O homem das moscas e da serpente - que atrai os que praticam a clínica infantil pela pertinência com que evoca os acontecimentos das salas de psicanálise infantil - o livro de Marie-Christine é construído em torno de um pensar psicanalítico que se organiza pelo modo lacaniano de leitura e compreensão dos fenômenos psíquicos. Usualmente esse modo de pensar se expressa em textos com períodos longos, recorrências à álgebra lacaniana e suas fórmulas, que tornam a leitura cansativa para os não iniciados (e este é o caso da que escreve esta resenha). Porém, a clínica praticada por Marie-Christine seduz, captura por sua competência no campo de atendimento - reconhecidamente difícil - do autismo infantil e consegue tornar quase irrelevante essa questão. É desse ângulo então que deslizo do possível para ato, como sempre, a meu modo.

Marie-Christine é uma terapeuta que se permite ousar, nos atendimentos clínicos (recuperados nos relatos), possibilitando assim que o enquadre exerça sua real função: sustentar e emoldurar o especial do encontro psicanalítico que é "...um processo de comunicação e uma relação que produz um impacto emocional mútuo, independentemente da vontade do paciente ou do analista". (E.M. da Rocha Barros, in *Melanie Klein: Evoluções*).

Clínicas psicanalíticas de inclusão

Resenha de Marie-Christine Laznik, Rumo à Palavra – Três Crianças Autistas em Psicanálise, São Paulo, Escuta, 1997, 182 p.

O empenho e dedicação amoráveis voltados a seus pacientes, a criatividade nos atendimentos (que relembram Klein no seu início, quando vai buscar os brinquedos de seu filho para sua pequena paciente), tornam a leitura deste livro instigante. O modo francês do pensar da autora e sua lógica, estão solidamente ancorados num genuíno interesse e autêntico compromisso com o trabalho psicanalítico com crianças, fortemente perturbadas, como no autismo.

São essas sustentações que permitem à autora ousar atender duas crianças turcas, muçulmanas (Halil e Mourad), e escutá-las "em turco"... sem conhecer a língua turca, numa ousadia similar à de Winnicott que atendeu Iiro, finlandês de 9 anos e 9 meses, numa consulta terapêutica, nos anos 60. Iiro e Winnicott se entenderam, como assinala o último, porque a tradutora "foi rapidamente esquecida" e a comunicação, feita usando o jogo dos rabis-

cos, pode se efetivar. Foi desse modo, com um estrangeiro que não falava sua língua, e que por isso mesmo se lhe apresentava como estranho/esquisito, que Iiro pode desenvolver o emaranhado dos fios que o mantinham preso a sucessivas e intermináveis operações reparadoras às quais se entregava com uma docilidade espantosa. Iiro, tal como sua mãe, era portadora de sindactilismo, isto é, tinha alguns dedos dos pés e das mãos ligados por pele, à semelhança de pés de pato, percebendo-se estranho para si próprio frente a sua imagem ideal (como bem indica seu projeto de tocar flauta, impossível para sua condição). O recuperar de sua integridade essencial, *com sindactilismo*, pode acontecer pelo olhar, para suas mãos e suas impossibilidades, dialetizado e mediado por Winnicott.

Marie-Christine se pergunta: "o que pode me levar a aceitar trabalhar numa língua desconhecida?" (p. 13) e responde: "... os significantes que o analista pode escutar pertencem à história do sujeito ou à língua familiar...". Em última instância, estamos sempre, nas psicanálises que empreendemos, frente a turcos e muçulmanos, frente ao estrangeiro/estranho.

Ela realça seu ganho imediato derivado desse não conhecer turco e que é o de "...desfazer a ilusão de compreender, graças à qual podemos nos sentir aliviados frente a um autista..." (p. 16). Logo, parte para o trabalho com a carga de ilusões diminuída; isso lhe permite buscar recursos inusitados para estabelecer as bases de um entendimento possibilitador de uma relação entre ela e seu paciente, que visa abrir caminho para integrar as partes cindidas deste e assim permitir-lhe o reconhecimento do seu eu; os recursos que encontra vão até o ponto de admitir a presença na sala de ludo da mãe e de um observador que, conhecendo turco, faz o registro dos sons emitidos pelas crianças, para pesquisas dos significados neles contidos.

A presença do observador, dada a aliança entre terapeuta e observador (aqui uma doutoranda que escreve posteriormente uma tese sobre sua compreensão das sessões) facilita recuperar as sessões, e permite que, no livro, às vezes, elas sejam apresentadas de modo pormenorizado.

Esses trechos, preciosíssimos, levam-nos de imediato a nos determos na importância, na formação de um terapeuta psicanalítico, do atendimento de pelo menos uma criança em processo psicanalítico, para que se aprenda a lidar com um poliglota que desenha e recorta, constrói e pinta, atira e joga bola, suja, lava e dramatiza. Aliás, esses modos comunicativos polivalentes possibilitam que se abra a oportunidade de realizar-se uma “interpretação lúdica”, ampliando-se assim as compreensões do terapeuta e suas linguagens interpretativas, conforme Rodrigué propõe no seu livro - *El Contexto del Proceso Analítico* (Paidós, B.Aires). Convém recordar: Rodrigué foi o primeiro kleiniano a escrever, também nos anos 60, sobre a análise de um autista no seu clássico e fundamental artigo: *Análise de um esquizofrênico com mutismo, de três anos de idade*.

Marie-Christine coloca muito bem as características que diferenciam o “sem palavras” do autista do “sem palavras” de outros quadros. Mostra claramente a confusão familiar que se instaura nas famílias com autistas e que induz a emergência de um clima homogeneizado de medo e restrição, ambos impossibilitadores de compreensão. Realça e sublinha a função de intermediário do psicanalista pois, com a mãe na sala, suas interpretações alcançam filho e mãe e eventualmente visam a mãe.

Halil (de quase dois anos quando do início do tratamento) foi seu primeiro paciente nesse caminho que desenhava e Marie-Christine nos conta que na última sessão ele lhe deu um seu boné e que é a partir daí que ela pode começar a escrever o livro; se com Halil, após a psicanálise, ela pode enunciar que ele é pós-autista, com Mourad (de dois anos e meio quando se inicia o tratamento) isso não é dito – ele alcançou uma perfeita articulação em francês e um bom desempenho escolar, mas suas sessões de psicanálise, que ainda se realizam quando o livro é escrito, mostram muito do “fechamento” autista.

Com Louise, de quatro anos quando do primeiro encontro com a psicanalista e a terceira das crianças apresentadas ao leitor, as línguas familiares alcançam a bisavó que falava quíchua (tornada presente para Louise pelas canções de ninar cantadas pela mãe), o espanhol, francês e o inglês: as diferentes funções dessas línguas todas são tornadas claras e recuperadas na psicanálise. Aqui, com Louise,

Marie-Christine trabalha com histórias clássicas, que sua paciente lhe traz, propondo-se a lê-las com ela, mostrando nos seus comentários, uma notável atenção aos pormenores e nuances do olhar de Louise, que mostram o cuidado com seus analisandos.

Tanto Rodrigué quanto Marie-Christine tratam de crianças muito pequenas e ambos se apoiam nas descrições e estudos de Léo Kanner sobre o autismo infantil, realizados a partir de 1935. Rodrigué assinala. “... tal como Narciso (essas crianças) não podem distinguir entre elas próprias e os outros e, como Eco, não distinguem se as palavras lhes pertencem ou se pertenceram a outras pessoas (ecolalia).” Marie-Louise, por sua vez, assinala “...para que uma criança possa, retrospectivamente, reconhecer-se como sujeito do enunciado que acaba de preferir....” (p 237). Obviamente não estamos aqui realizando uma tentativa de análise das divergências e aproximações de duas teorias psicanalíticas diversas, mesmo porque têm estatutos meta-psicológicos próprios. A sublinhar apenas que estamos frente a dois psicanalistas clínicos experientes, que em épocas diversas se propõem a atender crianças autistas. Alcançam seus objetivos e são semelhantes na osadia pessoal e profissional, que lhes permite inovar e descobrir, e mostram-se ambos bem fundamentados nas respectivas teorias.

Não pode deixar de ser realçado o significado político desses atendimentos que faz Marie-Christine, pois se realiza numa França que tem um Le Pen e perseguições às minorias “exóticas” como árabes, africanos, sul americanos. Assim, pela leitura de *Rumo à Palavra*, somos agora nos anos 90, remetidos ao filme *Amistad* de Spielberg, àqueles negros desse navio tão imprópriamente identificado e ao *mende* por eles falado, que acrescido à sua cor, os tornava irreconhecíveis como humanos aos olhos dos brancos norte-americanos. No filme, os africanos são após longo e demorado processo judicial reconhecidos como homens e, como tais, com direito à liberdade. No livro, a proposta fundante, é justamente reconhecer no estrangeiro/autista o nosso semelhante, pelo entendimento da função de suas ecolalias, *flappings* e perseverações, admitindo-se assim a sua inclusão social, que só poderá ser usufruída após longo e demorado processo, agora psicanalítico.

Maria Cecília Corrêa de Faria é psicanalista, professora-mestre da Equipe de Psicanálise da Faculdade de Psicologia da PUC/SP e doutoranda em Psicologia.